FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE SÃO PAULO
FACIS

MARIA JOSÉ PONCIANO SENA SILVESTRE

PSICOLOGIA JUNGUIANA NA CONTEMPORANEIDADE: ESTEREÓTIPOS SOBRE VELHICE COMO NEGAÇÃO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA JUNGUIANA

RIO DE JANEIRO
2019

MARIA JOSÉ PONCIANO SENA SILVESTRE

PSICOLOGIA JUNGUIANA NA CONTEMPORANEIDADE: estereótipos sobre velhice como negação do processo de envelhecimento

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências de Saúde de São Paulo (FACIS), como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicologia Junguiana.

RIO DE JANEIRO
2019

RESUMO

A presente monografia aborda a temática da negação do envelhecimento, considerando a teoria da Psicologia analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung. O texto apresenta uma discussão sobre a identificação da origem da negação do envelhecimento expressa nas mídias sociais. Defende a hipótese de que o conceito de envelhecimento dominante na sociedade encontra-se eivado de estereótipos e preconceitos e aponta uma direção às indagações sobre os caminhos a percorrer na última etapa da vida e às reflexões e desafios que esta realidade coloca para a sociedade contemporânea. Os resultados encontrados levam à constatação de que é necessário substituir o valor jovem pelo valor vida e entrar em conexão com o arquétipo do Velho Sábio, seja através de interiorização, de reciclagens ou de reaprendizado, permitindo emergir o processo de individuação. Este estudo baseia-se exclusivamente em fontes bibliográficas, tendo como base, principalmente a Obra de Jung. É dividido em 3 (três) capítulos: A Abordagem Junguiana – a Metanóia; Valor Jovem x Valor Vida; e Estereótipos sobre Velhice como Negação do Processo de Envelhecimento.

Palavras-chave: Psicologia Analítica, Mídias Sociais, Envelhecimento, Metanóia, Individuação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....4

CAPÍTULO 1 – A ABORDAGEM JUNGUIANA - A METANÓIA.....6

CAPÍTULO 2 – VALOR JOVEM X VALOR VIDA.....11

CAPÍTULO 3 – ESTEREOTIPOS SOBRE VELHICE COMO NEGAÇÃO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO 19

CONCLUSÃO.....28

REFERÊNCIAS 32

INTRODUÇÃO

A presente Monografia tem por objetivo analisar as abordagens Junguiana relacionadas ao processo de envelhecimento na sociedade contemporânea. Busca identificar, através da observação dos aspectos midiáticos relacionados aos idosos, as características principais do grupo em questão. Objetiva, ainda, apontar uma direção às indagações sobre que caminhos percorrer na última etapa da vida e contribuir para a compreensão do indivíduo e da sociedade sobre as questões relacionadas ao envelhecimento.

Segundo o IBGE, entre 2010 e 2050 a população idosa irá triplicar, passando de 10% da população brasileira para 29,3%. Essa realidade coloca algumas reflexões e desafios a enfrentar, como por exemplo os motivos que levam o conceito de envelhecimento, dominante na sociedade contemporânea, estar eivado de estereótipos e preconceito.

O sistema capitalista faz crer que, para ser útil, o sujeito tem que trabalhar e produzir, sendo este um dos fatores da criação dos estereótipos que, muitas vezes, são sustentados a vida inteira. Quando se depara com textos do tipo: “velho de alma jovem”, “a alma não envelhece”, “corpo envelhece sem a sua permissão, a alma só envelhece se você permitir”, dentre outros que permeiam as redes sociais, a questão que fica é se essas expressões correspondem a uma negação do envelhecimento e medo da morte.

Defende-se aqui que no lugar do valor “jovem”, deveria ser usado o valor “vida”. Afirma-se, portanto, que a ideia é morrer com vitalidade. Ter vitalidade independe de idade, trata-se de uma energia, enquanto juventude restringe-se a uma fase da vida que já ficou para trás.

Dentro da Psicologia Junguiana, os abalos da meia idade provêm do medo e da negação da morte. Jung (2013, p.364) dizia que não querer viver é sinônimo de não querer morrer e que não dá para ser eternamente jovem, porque vida é movimento. Justamente na segunda etapa da vida é que se aprende verdadeiramente a essência do ser. Jung (1980, p.67) distingue objetivo natural, fase da procriação dos filhos, sustento, do objetivo cultural.

Na segunda metade da vida é que podem ocorrer as neuroses graves,

posto que, segundo Jung (1980, p.67), “é uma espécie de segunda puberdade ou segundo período de impetuosidade, não raro acompanhado de todos os tumultos da paixão. Assim, Jung (1980, p.67) diz que o “que a juventude encontrou e precisa encontrar fora o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si”. São novos problemas, nada mais perfeita que a conhecida frase citada por Eduardo Galeano que a descobriu num muro de Quito: “quando tínhamos todas as respostas, mudaram as perguntas”.

A presente monografia referencia-se em estudos bibliográficos da teoria de Jung para constatar essas contradições expressas nas mídias sociais, evidenciando estereótipos equivocados, consolidado no trabalho com grupos de idosos. Para fundamentar a redação dos capítulos construídos foram utilizadas como fonte de pesquisa, as 5 Conferências, o Eu e o Inconsciente e Psicologia do Inconsciente, A Natureza da Psique, A Energia Psíquica, Memórias, Sonhos e Reflexões, *Aion* e os Aspectos do Drama Contemporâneo.

O trabalho está estruturado em 3 (três) capítulos: o Capítulo 1 – A Abordagem Junguiana – a Metanóia, com a descrição dos conceitos junguianos, as etapas da vida e a Metanóia; o Capítulo 2 – Valor Jovem x Valor Vida, onde são identificados os estereótipos relacionados ao envelhecimento, destacando a mitificação do valor jovem, em detrimento do valor vida; o Capítulo 3 - Estereótipos sobre Velhice como Negação do Processo de Envelhecimento, no qual são explicitados o processo de individuação e a chegada do encontro com o Velho Sábio.

A conclusão leva ao entendimento de que é necessário entrar em conexão com o arquétipo do velho sábio, seja através de reciclagens ou de reaprendizado, efetivando o encontro com a sombra, com a consequente integração com o lado oculto de cada um.

CAPÍTULO 1 – A ABORDAGEM JUNGUIANA - A METANÓIA

Ao começar uma discussão sobre a Metanóia, faz-se necessário trazer os conceitos junguianos que darão suporte a este trabalho como psique, consciente, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, dentre outros.

O conceito de psique seria a totalidade de todos os processos psíquicos, conscientes e inconscientes.

A consciência, segundo Jung (2011, p.22) “é como uma superfície ou película cobrindo a vasta área inconsciente, cuja extensão é desconhecida”. Jung (2011, p.25) define o ego como um complexo, o cerne indispensável da consciência de elementos formando uma unidade bastante coesa para transmitir impressão de continuidade e de identidade, daí a expressão complexo do ego. É a parte diretora de nossa consciência, dirige nossa vida diária e nossa relação com o mundo. Para qualquer conteúdo psíquico tornar-se consciente terá que relacionar-se com o ego, o restante está no domínio do inconsciente.

No inconsciente, segundo Jung (1980, p.59) há duas camadas, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal contém lembranças perdidas, reprimidas, evocações dolorosas, percepções que não ultrapassaram o limiar da consciência e que por falta de intensidade não atingiram a consciência, e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência e correspondem à figura da sombra, aparecendo frequentemente em sonhos. O inconsciente coletivo é universal e seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte. São as camadas profundas do inconsciente, comuns a toda a humanidade. É um reservatório de imagens latentes, chamadas de arquétipos. Os arquétipos são manifestações da camada mais profunda do inconsciente onde encontramos as imagens humanas universais e originárias. Uma predisposição para reagir ao mundo de forma ancestral porque constituído de materiais herdados.

> Essas “imagens primordiais” ou “arquétipos”, como eu os chamei, pertencem ao substrato fundamental da psique inconsciente e não podem ser explicados como aquisições pessoais. Todos juntos formam aquele estrato psíquico ao qual dei o nome de inconsciente coletivo. (JUNG, 2013, p.62).

O processo de individuação é um movimento de circunvolução que conduz

a um novo centro psíquico. Este centro Jung (2013, p.175) denominou de *Self* ou Si-mesmo, uma imagem arquetípica da totalidade. Quando consciente e inconsciente vem ordenar-se em torno do *Self*, a personalidade se realiza. Processo de individuação, portanto, significa tornar-se um ser único. "Podemos, pois traduzir individuação como tornar-se Si-mesmo ou o realizar-se do Si-mesmo" (JUNG, 2011 p.60). Uma tendência instintiva pronta a realizar plenamente potencialidades inatas. Como envolve componentes coletivos da psique humana, o que resulta vem a ser um melhor funcionamento do indivíduo dentro da coletividade, posto que, para Jung (2013, p.176), o Si-mesmo compreende infinitamente muito mais do que apenas o eu, significando também os próprios outros. A individuação não exclui o mundo, ao contrário, o engloba (JUNG, 2013, p.182). Os sonhos, mitos, contos de fadas podem ajudar a reconhecer quando se está fora ou no caminho da individuação.

A primeira fase deste processo de individuação será desvincular-se da roupagem da persona, assumindo os papéis sociais, mas sem ficar preso a ela. Quando retirada a máscara da persona, entra-se em contato com o lado obscuro, a sombra. Segundo Jung (2015, p.19), nesta tomada de consciência da sombra se reconhece os aspectos obscuros da personalidade.

Quanto mais for reprimida, mais ela cresce e atemoriza, mas se for lançada luz sobre a sombra ocorre um alargamento da consciência. A sombra pode ultrapassar o pessoal e alongar- se na sombra coletiva, é quando ocorrem comportamentos de massa discriminatórios, destrutivos.

> À medida que o tratamento analítico torna a "sombra" consciente, cria uma cisão e uma tensão entre os opostos, os quais, por sua vez, procuram equilibrar-se numa unidade. A ligação se processará mediante símbolos. A confrontação chega ao limite do suportável quando é levada a sério ou quando se é levado a sério pelos opostos. (JUNG, 2016, p.330).

Uma vez ocorrido o confronto com a sombra, vem outra tarefa: a confrontação com a anima, o princípio feminino no homem e com o animus, o princípio masculino na mulher. Na primeira metade da vida a anima projeta-se no

exterior, sobre seres reais, presentes na problemática do amor e desilusões. Mas, na segunda metade da vida, é a mulher dentro do homem quem penetra na sua vida, tornando-o mais vulnerável. Assim são as relações entre homem e mulher, que ocorrem na correlação do *anima* e *animus*, podendo em alguns casos produzir emaranhados de problemas, na vida dos casais. É, então, quando se chega ao *Self, que* é uma grandeza que excede a esfera do consciente. O encontro com o *Self* é dotado de grande potencial energético, causando uma sensação do numinoso, em especial nos sonhos. A descida ao fundo dos abismos produz um alargamento do mundo interior. Uma força energética, a totalidade do ser. Acabou-se a fragmentação, os estreitos limites, é o início da vivência dos prazeres e sofrimentos num nível mais alto de consciência. Nesse encontro com o Self, o caos será transformado em cosmos, a superação do estado neurótico, do desacordo interno, é o resultado desse encontro.

Assim como a enantiodromia, o conceito da Metanóia é fundamental para a compreensão da dinâmica psíquica da psicologia junguiana, no que se refere ao princípio do equilíbrio psíquico. A enantiodromia é um processo inconsciente que leva a uma mudança de perspectiva, quando ocorre a negação do oposto e então emerge e se impõe à consciência. A Metanóia seria um movimento de integração com o oposto, na busca da totalidade, como o que se atinge com o processo de individuação.

Uma das descrições que Jung (2013, p.362) faz da Metanóia é a metáfora do projétil. O disparo de um projétil faz a curva característica e o ápice é o meio da vida, e depois a energia muda de direção e cai no solo. Jung utiliza também a metáfora do nascimento e do pôr do sol, uma comparação com o dia. Ao nascer, o sol chega até o máximo e vai se deslocando até o final do dia, e vem a noite. São metáforas importantes para compreendermos a trajetória da vida. “Depois de haver esbanjado luz sobre o mundo, o sol recolhe seus raios para iluminar-se a si mesmo.” (JUNG, 2013, p.356).

Jung (2013, p.74) divide o transcorrer da vida humana em duas metades: a primeira metade, em que o justo reconhecimento dos instintos normais permite ao jovem entrar na vida, fazendo-o avançar. Ocorre a separação da mãe, a construção do ego, o sustento, a conquista da vida adulta; na segunda metade, os objetivos se modificam, tem início o declínio, o entardecer que requer simplificação, restrição e interiorização, o objetivo cultural. Há uma submissão dos instintos aos pontos de

vistas da cultura. Nessa passagem, quando a energia se transfere do biológico para o cultural, muitos sucumbem por faltar educação apropriada para o adulto.

> É por isso que a passagem da fase natural para a fase cultural é tão tremendamente difícil e amarga para tanta gente; agarram-se às ilusões da juventude ou a seus filhos para assim salvar um resquício de juventude. Pode- se notar isso principalmente nas mães que põem nos filhos o único sentido da vida e acreditam cair num abismo sem fundo se tiverem que renunciar a eles. Não é de admirar que muitas neuroses graves se manifestem no inicio do outono da vida. É uma espécie de segunda puberdade ou segundo período de "impetuosidade", não raro acompanhado de todos os tumultos da paixão ("idade perigosa"). Mas as antigas receitas não servem mais para resolver os problemas que se colocam nessa idade. Tal relógio não permite girar os ponteiros para trás. O que a juventude encontrou e precisa encontrar fora, o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si. Estamos diante de novos problemas. (JUNG, 1980, p.67).

Na Metanóia é dada a possibilidade de reavaliar tudo que foi vivido, ou que não foi vivido. A Metanóia convida para uma metamorfose em que ocorre uma transformação para aquilo que é real no indivíduo. Uma ampliação da consciência, que é o caminho que leva ao processo de individuação.

A vida é um processo energético, mas irreversível. Segundo Jung, (2013, p.364) do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade. Não querer morrer é sinônimo de não viver**.** A morte representa essa dinâmica arquetípica. A vida e a morte constituem as faces de uma mesma e única moeda, a morte é parte da vida. Não há vida sem morte, nem morte sem vida. É justamente ao nos confrontarmos com o horizonte da morte, da finitude e das limitações, que tomamos consciência de nossa vida, daí não ser benéfico o movimento da eterna juventude.

> Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida se inverte a parábola e nasce a morte. A segunda metade da vida não significa subida, expansão, crescimento, exuberância, mas morte, porque o seu alvo é o seu término. A recusa em aceitar a

> plenitude da vida equivale a não aceitar o seu fim. Tanto uma coisa como a outra significam não querer viver. E não querer viver é sinônimo de não querer morrer. A ascensão e o declínio formam uma só curva. (JUNG, 2013, p.364).

Jung (2013, p.13) define a função transcendente, termo importado da matemática, como a “união de conteúdos conscientes e inconscientes”, a integração dos opostos, a partir da qual uma nova dimensão é criada. A função transcendente nasce da união dos opostos, surge na resolução de conflitos e possibilita criar uma atitude. É um símbolo unificador, relacionado com o processo de individuação, já que este trata de um processo que leva à totalidade, fazendo com que o Si-mesmo se manifeste.

A função transcendente permite a geração de um símbolo entre conteúdos inconscientes e conscientes pela confrontação de opostos. Permite que os conteúdos do inconsciente venham à consciência sob a forma de símbolos e fantasias.

> A função transcendente não se desenvolve sem meta, mas conduz à revelação do essencial no homem. No início não passa de um processo natural. Há casos em que ela se desenvolve sem que tomemos consciência, sem a nossa contribuição, e pode até impor-se à força, contrariando a resistência do indivíduo. O sentido e a meta do processo são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos. É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária, potencial. Os símbolos utilizados pelo inconsciente para exprimi-la são os mesmos que a humanidade sempre empregou para exprimir a totalidade, a integridade e a perfeição; em geral, esses símbolos são formas quaternárias e círculos. Chamei a esse processo de processo de individuação. (JUNG, 2011, p.126).

CAPÍTULO 2 – VALOR JOVEM X VALOR VIDA

O aumento da população idosa brasileira, segundo o IBGE, constitui-se numa das modificações estruturais mais importantes ocorridas nas últimas décadas. Segundo estimativa de projeções populacionais baseada no Censo de 2010, realizada pelo IBGE, a população com essa faixa etária deve triplicar, passando de 10% da população para 29,3% em 2050.

A questão social do idoso começa a aparecer na medida em que vai surgindo na sociedade o envelhecimento demográfico. O envelhecimento da população, então, configura-se como um fenômeno recente e mostra que são muitos os pontos a serem trabalhados na contemporaneidade. Em uma sociedade de população com idade mais avançada é fácil perceber entre os grupos de idosos as contradições apresentadas nas relações pessoais e na representação da pessoa idosa nas mídias. Desta forma, pode-se travar contato com os valores que permeiam o universo das pessoas de mais idade e de como eles estão eivados de estereótipos e preconceitos.

Os estereótipos, conceitos errôneos, crenças sobre as características de um grupo, são aprendidos e não há julgamentos ou questionamento, estão associados ao aspecto cognitivo. Assim também o preconceito, opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos, representa uma conotação negativa em relação ao grupo e está associado ao aspecto emocional. E a consequência de ambos, estereótipo e preconceito, é a discriminação.

De fato, o processo de envelhecimento está eivado de estereótipos e preconceitos, em especial nas mídias sociais que afetam a imagem do envelhecimento que, em consequência disso, projetam uma rejeição sobre o envelhecimento, o que leva a uma negação do processo de envelhecer, que é camuflada com imagens representativas de eterna juventude.

Há, na verdade, uma tendência a acreditar que em determinada idade seremos doentes ou dependentes, o que não é determinante, podendo ocorrer ou não. A característica de ser “rabugento” não está associado à idade, ela vem ao

longo da vida e com o passar do tempo pode se acentuar. Lentidão, isolamento, depressão, improdutividade, são características que estão associadas às pessoas idosas, mas, não necessariamente ocorrem no processo de envelhecimento.

Com a Revolução Industrial começa a mudar a forma como o velho é visto na sociedade. O velho, não sendo mais produtivo economicamente, perdeu seu lugar e passou a ser considerado como algo descartável, decadente, incompetente. Não havendo mais espaço para ele, instala-se o conceito negativo de velhice.

Os idosos, de fato, na atualidade, perderam o seu poder econômico e social, seu status, portanto, toda a influência que exerciam sobre os mais jovens. Mas a partir da década de 1970, a situação começa a mudar: iniciam movimentos de defesa dos velhos, na tentativa de uma reavaliação do seu papel frente às sociedades.

> Segundo SCHONS (2000, p.118), com aumento do numero de idosos na sociedade brasileira, em meados da década de 1990, instituições públicas e particulares passaram a investir em programas de saúde, educação e atividades socioculturais.

Mas foi a partir da década de 1980 que jornais, revistas, televisão e empresas de publicidade passaram a utilizar imagens de velhos e publicar artigos ou reportagens referentes à velhice, embora não fosse esse ainda um assunto de preferência da mídia. Sem dúvida, a seleção de temas da mídia obedece a critérios econômicos, políticos, sociais, exercendo, portanto, uma função de exclusão. Simone de Beauvoir (1990, p.109) diz que "...das mitologias, das literaturas e da icnografia destaca-se uma certa imagem da velhice, variável de acordo com os tempos e os lugares."

Então, nesta direção, é possível fazer um paralelo entre as imagens do tipo: "velho de alma jovem", "a alma não envelhece", "corpo envelhece sem a sua permissão, a alma só envelhece se você permitir", dentre outras que permeiam as redes sociais, e as expressões de negação do envelhecimento e do medo da morte. E assim criar condições de tratar esses conceitos relacionados ao envelhecimento criticamente, uma vez que são crenças provenientes de estruturas irracionais, como estereótipos e preconceitos, o que pode ser observado nas imagens abaixo:



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3

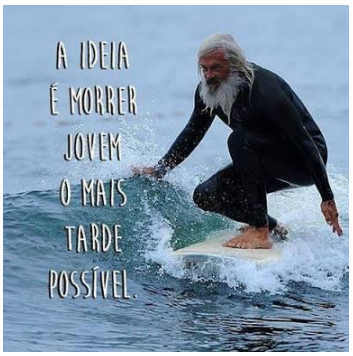

Imagem 4

Como é facilmente observado nas imagens acima, na fase do envelhecimento está-se preso aos estereótipos e preconceitos. Essa história de “velho de alma jovem” é a mesma coisa que dizer “negro de alma branca”, está embutido um preconceito que pode passar despercebido, pelo menos num primeiro momento. Há uma insistência em afirmar que é uma mensagem positiva, quando na verdade, são as vozes do inconsciente que projetamos das mídias sociais.

Seguindo a mesma direção de dissimular a questão do processo de envelhecimento também estão incluídos os *fake news,* fenômeno que vem ocorrendo nas mídias sociais, sinalizando que o idoso foi reclassificado.

> “Gente, fomos reclassificados, olha q legal, não somos mais da terceira idade, nem idosos!
>
> *OMS reclassifica conceito de Jovem / Idoso*
> Anteriormente, uma Instituição Inglesa (Friendly Society Act) definiu, em 1875, que "Idosos" eram indivíduos a partir de 50 anos.....

> Diante da evolução da qualidade dos alimentos, das atividades físicas, hoje praticadas pela maioria das pessoas, e do avanço do número de pessoas que escolheram melhorar a alimentação, o que deu mais qualidade, e aumentou a expectativa de vida das pessoas, a *Organização Mundial de Saúde (OMS)*, fez uma nova avaliação do conceito de *ser Jovem, ter Meia Idade, e, ser Velho*.....
> 01) *Menor de idade:* 0 a 17 anos;
> 02) *Jovens:* 18 a 65 anos;
> 03) *Meia Idade:* 66 a 79 anos;
> 04) *Idosos:* 80 a 99 anos;
> 05) *Idosos de Longa Vida:* maiores de 100 anos.
> *FOMOS RECLASSIFICADOS !!!*"

O referido fake news foi devidamente desmascarado, como pode ser observado abaixo:

> **OMS** muda classificação de idade para **jovens** e **idosos** #boato. Boato – Organização Mundial da Saúde (**OMS**) realiza mudanças no **conceito** de ser **jovem**, ter meia idade e ser velho. Agora, a pessoa com idade de até 65 anos é considerada **jovem**. Parece que ninguém quer, mas envelhecer é um destino inevitável do ser humano. 2 de fev de 2018.

Fica evidente, neste caso, mais uma vez, a tentativa de escapar da denominação de idoso, por meio de uma nova classificação que prolongue a idade jovem, negando assim, oficialmente o envelhecimento.

É possível constatar, dessa forma, que alguns estereótipos valorizam a juventude em detrimento do envelhecimento, entretanto neste estudo, o objetivo é mostrar que seria o valor vida que deveria ser valorizado em contraposição ao valor jovem, que acaba prevalecendo. Ocorre que a velhice é temida porque não se quer lembrar do inexorável fim. Quando um número muito maior de pessoas chega ao envelhecimento, existe a tendência de se protelar a época da vida em que se diz ter início a velhice. A palavra "velho" funciona como um adjetivo pejorativo, tão bem vendido pelas mídias sociais.

Está havendo, sem dúvida, um rejuvenescimento das pessoas. As de 65 e mais anos aparecem dentro dos subgrupos cada vez mais jovens, tanto por seu estado de saúde, vitalidade, formas de atuar, atividades desenvolvidas como por suas atitudes, valores e aparência física. No futuro a pessoas terão aparência mais jovens devido a tais fatores. Ainda que pareça paradoxal, esses fatores contribuem

para a pressão pelos grupos de velhos–velhos, velhos-jovens.

O valor vida poderia ser comparado com *Kairós*, o tempo que não pode ser controlado e o valor jovem com *Chronos*, senhor dos tempos, significando a pressão das horas. A constatação é que ter vitalidade independe de idade, ao contrário de ser jovem, que é cronológico.

Na mitologia grega, *Chronos* ilustra temas como o envelhecimento, personifica o senhor do tempo. *Chronos* deu origem à palavra cronômetro, que regula o tempo. Já *Kairós*, representa o oposto, o momento, tempo oportuno, medida certa. O tempo que não pode ser medido.

> Os antigos gregos viam em Kairós (a coincidência afortunada) um deus alado que tinha que ser apanhado o mais rapidamente possível. Literalmente apoiado sobre o fio da navalha, Kairós segura a balança e, conforme as suas inclinações, decide o destino. (VON FRANZ, 1997.p.90).

Segundo Hillmann (1992, p.167), *Kairó*s, sendo o Deus que rege o tempo das coincidências, é o que constela oportunidades e chances de descobertas, pois "*Kairós* não tem absolutamente nada a ver com sorte ou acaso, mas muito mais que ver com um momento propício que precisa ser percebido através de nosso próprio poder e insight".

Sem dúvida é o sistema capitalista, com seus mecanismos de controle social, que estimula a crença de que para ser útil é necessário trabalhar e produzir, sendo este um dos fatores da criação dos estereótipos que são sustentados a vida inteira e estão disseminados nas mídias sociais. Simone de Beauvoir (1990, p.665), afirma que "a destruição do indivíduo que vemos na velhice é função da destruição que foi vítima durante toda a vida... A angústia dos velhos sendo excluídos da sociedade é a mesma do jovem que está sendo tragado por ela".

O término da atividade profissional constitui uma exclusão do mundo produtivo, que é base da sociedade moderna. Porque a aposentadoria, ao mesmo tempo em que é um tempo de liberdade, é também um tempo de desvalorização social, que faz o seu tempo mudar de ritmo. Essas rupturas vão provocar angustias

e insegurança. É um paradoxo. É um momento difícil de ser superado, essa reorganização do tempo e do espaço. Viver, como envelhecer, é saber renascer muitas vezes ao longo de uma caminhada pessoal e original.

A questão a ser discutida seria o do porque é tão difícil ser velho, como, da mesma forma, também foi difícil ser jovem. E o indivíduo, que já foi vítima da negação do processo de amadurecimento, agora se depara com a negação do processo de envelhecimento, como diz Jung (2013, p.353), “da mesma forma como antigamente ele não se libertou da infância, assim também agora se mostra incapaz de renunciar à juventude”. A difícil questão que se coloca é conseguir identificar os fatores que estão atuando no momento para conseguir entendê-los e superá-los. As mudanças das funções sociais no decorrer da vida podem assustar, trazendo ansiedade e até mesmo sofrimento. Mas, se não houver mudança, não há crescimento e se não houver crescimento não se estará realmente, vivendo. Quanto melhor se estiver preparado para essas mudanças, mais fácil será a passagem de uma etapa para outra, porque sempre haverá perdas e ganhos. O fundamental é o amor à vida, que vai trazer equilíbrio emocional e maturidade, a base para estar em equilíbrio com o ambiente. As pessoas idosas tem que descobrir um rumo novo para suas vidas, algo que as entusiasme, que lhes proporcione alegria e satisfação e que as valorize perante a sociedade.

A constatação de que o conceito de velhice está eivado de ideias negativas fica evidente quando examinamos estas questões. Quando se diz que “não se deve ser velho antes do tempo”, é o mesmo que dizer que “não se pode ser ranheta, chato, impertinente, sovina, apegado, mal-humorado, desrespeitoso, mal educado, deselegante!”. Nesta verbalização está embutida a ideia que se tem de envelhecimento. É só depois que se envelhece que se descobre que esses estereótipos são falsos. Então, no lugar de negar os estereótipos, o envelhecimento é que passa a ser negado, e a conclusão que se chega é que “se eu não sou ranheta, não sou chato, então eu não estou velho”.

> O homem que envelhece deveria saber que sua vida não está em ascensão nem em expansão, mas um processo interior inexorável produz uma contração da vida. Para o jovem constitui quase um pecado ou, pelo menos, um perigo ocupar-se demasiado consigo próprio, mas para o homem que envelhece e um dever e uma

> necessidade de dedicar atenção séria ao seu próprio si mesmo. Depois de haver esbanjado luz e calor sobre o mundo, o Sol recolhe os seus raios para iluminar-se a si mesmo. Em vez de fazer o mesmo, muitos indivíduos idosos preferem ser hipocondríacos, avarentos, dogmatistas e louvadores do passado e até mesmo eternos adolescentes, lastimosos sucedâneos da iluminação do si mesmo, consequência inevitável da ilusão de que a segunda metade da vida deve ser regida pelos princípios da primeira." (Jung, 2013, p.355).

Sem dúvida, o processo de envelhecimento não é uma linha reta e contínua. Tem suas reviravoltas, e podem eclodir, repentinamente, fatores que já haviam sido eliminados. Aquela maldade infantil, tão fortemente recalcada durante o processo de educação, pode retornar neste momento, com pequenas variantes. É o deixar a torneira aberta quando sai do banheiro, é forçar os canos para que fiquem fragilizados e jorrem água ou fazer se esgotarem os tonéis de água durante um passeio. Durante o processo de recusa do "descer a montanha" algum fator pode eclodir. Ou seja, o fazer as coisas darem errado, poderia ser considerado uma verdadeira maldade senil. São os altos e baixos que, também podem interferir no processo de envelhecimento e exigem atenção. E tão bem explicado por Jung no processo de confronto com a sombra, nem sempre alcançando o êxito que deveria.

> Precisamente entre os trinta e cinco e os quarenta anos – prepara-se uma mudança muito importante, inicialmente modesta e despercebida; são antes indícios indiretos de mudanças que parecem começar no inconsciente. Muitas vezes é como que uma espécie de mudança lenta do caráter da pessoa; outras vezes são traços desaparecidos desde a infância que voltam à tona. (JUNG, 2013, p.351).

Querer viver com intensidade o que é positivo significa o viver em todos os seus momentos, aprender com o avançar da idade. Não se enganar fazendo atividades além dos limites, querendo ser jovem quando já não é. Na cultura atual, há toda uma dinâmica de tornar o velho ativo, de mascarar a velhice, de incorporar no velho os valores dominantes na juventude, inclusive seu vocabulário.

Tornar o velho ativo é uma demanda que está colocada na modernidade.

Sem dúvida a atividade na idade mais avançada é benéfica na medida em que retarda o que os Geriatras e Gerontólogos chamam de curva da capacidade funcional. Significa, concretamente, retardar a diminuição da autonomia. Mas o foco excessivo nessas atividades físicas acaba negando uma parte do ciclo vital de nossa existência. É da natureza de onde viemos e para onde voltaremos: as coisas envelhecem e morrem, as plantas, os animais e tudo o que vive. O importante é o saber envelhecer, é o preparo para a velhice, considerando as suas limitações e os seus ganhos, porque é impossível anular as mudanças físicas fundamentais da velhice, mas muita coisa pode ser feita para preparar condições de vida das pessoas idosas, de modo que possam usar com plena vantagem os poderes que possuem.

Dentro do processo de desvalorização das pessoas de mais idade, é necessário defrontar, ainda, com a revolução tecnológica que está fazendo com que elas sejam descartadas, porque o mercado de trabalho vem demonstrando maior interesse por profissionais mais jovens, que lidam melhor com as inovações tecnológicas e são arrojados e ousados. Maria Ponciano (2014), afirma que as pessoas mais velhas estão sendo descartadas e seus conhecimentos tornando-se obsoletos. A discriminação do trabalhador de mais idade foi tema da II Assembleia sobre Envelhecimento da ONU, em 2002, e foi constatado que o processo de envelhecer, como qualquer outro processo humano, é responsabilidade de toda a sociedade. É possível verificar, portanto, que não se está preparado para o envelhecimento. Nega-se à pessoa idosa o direito de viver dignamente levando-a ao desamparo, à solidão e consequentemente à decadência em função de não estarem sendo oferecidas as condições para que se adequem às novas exigências. Mudança é a palavra-chave neste contexto: aprender a se adaptar e mudar.

CAPÍTULO 3 – ESTEREOTIPOS SOBRE VELHICE COMO NEGAÇÃO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Na Psicologia Junguiana, os abalos da meia idade provêm do medo e da negação da morte. Jung, (2013, p.364), diz que “não querer viver é sinônimo de não querer morrer”. De fato, não dá para ser eternamente jovem, tendência

comum no mundo contemporâneo, posto que a vida é movimento. Jung diz (1980, p.88), “que é um engano supor que o sentido da vida esteja esgotado depois da fase juvenil”.

> O entardecer da vida humana é tão cheio de significação quanto o período da manhã. Só diferem quanto ao sentido e intenção. O homem tem dois tipos de objetivo. O primeiro é o objetivo natural, a procriação dos filhos e todos os serviços referentes à proteção da prole; para tanto, é necessário ganhar dinheiro e posição social. Alcançado esse objetivo, começa a outra fase: a do objetivo cultural. Para atingir o primeiro objetivo, a natureza ajuda; e, além dela, a educação. Para o segundo objetivo, contamos com pouca ou nenhuma ajuda. Frequentemente reina um falso orgulho que nos faz acreditar que o velho tem que ser como o moço ou, pelo menos, fingir que o é, apesar de no íntimo não estar convencido disso. É por isso que a passagem da fase natural para a fase cultural é tão tremendamente difícil e amarga para tanta gente; agarram-se às ilusões da juventude ou a seus filhos para assim salvar um resquício de juventude. (JUNG, 1980, p.67).

A teoria junguiana distingue objetivo natural, aspecto da primeira metade da vida, relacionada à fase da procriação dos filhos, sustento, consolidação no mundo, do objetivo cultural, presente na segunda metade da vida. De fato, para o segundo objetivo, que significa uma mudança radical de perspectiva, há pouca ajuda. É uma passagem difícil e é justamente direcionada para este momento a ocorrência desses gatilhos expressos nas mídias sociais, que convidam para o querer sentir ainda ser jovem, “dir-se-ia que sofremos de uma *hybris* da consciência que nos induz a acreditar que o tempo de nossa vida é mera ilusão que pode ser alterada a nosso bel-prazer” (JUNG, 2013, p.365).

Jung diz que “o que a juventude encontrou e precisa encontrar fora o homem no entardecer da vida tem que encontrar dentro de si.” (JUNG, 1980, p.88).

Diante do conflito dos contrários, que representa esta passagem, podem ocorrer grandes mudanças do rumo da vida, mas é preciso conseguir elaborar esse mergulho no contrário, que seria vencer a ilusão da eterna juventude e assumir as novas tarefas da descida da montanha.

> O velho Heráclito, que era realmente um grande sábio, descobriu a mais fantástica de todas as leis da psicologia: a função reguladora dos contrários. Deu-lhe o nome de enantiodromia (correr em direção contrária), advertindo que um dia tudo reverte em seu contrário. (JUNG, 1980, p.65).

E como é difícil dar esse pulo em direção ao contrário. Poderia ser esse o motivo pelo qual muitos enrijecem, veem o envelhecimento como ameaça, e continuam a viver os valores da juventude, projetando-se nas mídias sociais. Esta projeção, na verdade, representa uma regressão, uma impossibilidade de realização da função transcendente que levaria à superação do processo num movimento de síntese.

> Cada vez que o homem se encontra diante de um obstáculo aparentemente intransponível, ele recua, faz uma regressão, para usar a expressão técnica. Recua ao tempo em que se encontrava numa situação parecida e tentará empregar novamente os meios que outrora lhe haviam servido. Mas o que ajudava na juventude já não tem eficácia... A regressão continua até a infância (por isso muitos neuróticos velhos se infantilizam) e finalmente até o tempo anterior à infância. Isto soa como uma aventura; na realidade, porém, trata-se de algo que não só é lógico, mas também possível. (JUNG, 1980, p.69).

Jung (2011, p.37) chamou de componentes subjetivos das funções conscientes, a primeira função na relação consciente e inconsciente. Liga fatos sumidos da consciência e dados que se tornaram subliminares ou que foram expulsos e reprimidos. Os componentes subjetivos das funções conscientes levam-nos às águas profundas. Esses componentes representam uma disposição de reagir de determinada maneira. As emoções são empurradas para fora e não é possível detê-las.

Jung aborda o processo de envelhecimento e morte como parte do processo de individuação e é no decorrer deste processo que pode ser encontrado uma

amplificação dos conteúdos imagéticos decorrentes dele.

> A vida é um processo energético, como qualquer outro, mas em princípio, todo processo energético é irreversível e, por isto, é orientado univocamente para um objetivo. E este objetivo é o estado de repouso. No fundo, todo processo é nada mais do que, por assim dizer, a perturbação inicial de um estado de repouso perpétuo que procura restabelecer-se sempre. A vida é teleológica *par excellence*, é a própria persecução de um determinado fim, nada mais é do que um sistema de objetivos prefixados que se procura alcançar. [...] Mas o impulso teleológico da vida não cessa quando se atinge o amadurecimento e o zênite da vida biológica. A vida desce agora montanha abaixo, com a mesma intensidade e a mesma irresistibilidade com a que subia antes da meia idade, porque a meta não está no cume, mas no vale, onde a subida começou. A curva da vida é como a parábola de um projétil que retorna ao estado de repouso, depois de ter sido perturbado no seu estado de repouso inicial. (JUNG, 2013, p.362).

Na medida em que os objetivos exteriores vão diminuindo de intensidade, o sujeito volta- se para o si mesmo. É esse contato com o mundo interior que vai propiciar o processo de individuação, a oportunidade de experenciar a vida e a morte como parte da vontade do cosmo. Também pode ocorrer a negação da mortalidade, assim, ficando diante da saúde ou da patologia, do sentido da vida ou da depressão fatal. A religiosidade, com o seu ímpeto de voltar-se para o interior, pode ser uma porta aberta para a totalidade, conforme afirma Jung (2013, p. 356) “depois de haver esbanjado luz e calor sobre o mundo, o Sol recolhe os seus raios para iluminar-se a si mesmo”. Mas, não é a única procura na velhice, posto que, com o voltar-se para o interior, encontra-se a totalidade. Sendo assim, também o trabalho com a comunidade, representação do todo, pode representar essa porta, a exemplo da tradição de tribos indígenas. Na primeira metade de vida, ocupar-se das tarefas individuais e, na segunda metade, das tarefas da coletividade.

Jung (2013, p.353) comparou o percurso do sol ao nosso processo vital. O sol nasce, eleva-se no horizonte e encontra-se a pino no meio-dia, passando então a realizar um movimento descendente, até que se ponha, ao fim da tarde. Jung denomina de Metanóia este momento do meio-dia, quando, então, é iniciada a descida, com a consciência abrindo-se para outras finalidades. Voltar-se para

outros objetivos, que ainda faltariam desenvolver, como, por exemplo, o trabalho para a coletividade.

A experiência do todo, esse encontro do ego com o inconsciente, tem representação na alquimia, através do nigredo, relacionado a morte, apodrecimento. Mas, segundo a lei dos opostos, na medida em que o ego admite a morte, encontra a vida nas profundezas do inconsciente. É neste momento em que é possível se contrapor à referidas imagens dominantes nas mídias.

O mito da juventude eterna é a tentativa de fugir desse encontro necessário com os aspectos obscuros do inconsciente. Jung (2013, p.353) diz que, “da mesma forma como antigamente ele não se libertou da infância, assim também agora se mostra incapaz de renunciar à juventude”. Assim surgem essas soluções míticas, essas imagens nas mídias sociais que aliviam a dor do encontro com a morte. A necessidade imperiosa seria o sujeito se colocar em contato com os aspectos obscuros da persona, da sombra, que favoreceriam o processo de individuação.

> Um progresso começa, portanto, sempre pela individuação, ou seja, por um ser singular, consciente de sua singularidade, que trilha um novo caminho por um terreno em que ninguém pisou. Para tanto ele necessita, antes de mais nada, refletir sobre suas realidades fundamentais e conscientizar-se de sua condição diferente. Na medida em que conseguir validar sua consciência ampliada no coletivo - pela tensão entre os opostos – ele dará aquele estímulo que a cultura necessita para seguir progredindo. (JUNG, 2014, p.76).

É quando se consegue ultrapassar o querer ser eternamente jovem, através do movimento da vida. A segunda metade da vida é uma grande escola, quando se tem a possibilidade de entender a essência de viver, o sentido do trabalho, o que significa amar, relacionar-se, dignidade, realização. É nesse momento, quando é possível ocorrer o aprendizado, que se descobre que se faz parte de um todo maior, que se atinge o senso de totalidade, de realização. Enquanto se estava ocupado com as ferramentas necessárias na primeira metade da vida, não se tinha essa consciência. Subir a montanha afasta a fraqueza, a fragilidade, que vai ficando para trás. Quando chega lá em cima é a hora daquilo que foi negado

reclamar a sua presença.

A questão fundamental é destacar que o querer voltar atrás retarda o processo da totalidade, da individuação. Quando, chegando ao alto da montanha, paralisa-se, imobilizado com a visão do que teremos que descer, é o momento propício para surgirem as negações. Neste momento, o deparar-se com as imagens das mídias sociais projetadas, é o momento perfeito para convencer- se de que a juventude continua, de que não existe velhice. E não são outro os objetivos dessas mídias. Neste processo podem surgir eclosões de fenômenos típicos da meia-idade, é quando podem eclodir crises no casamento, no trabalho, na relação com os filhos.

Essa é a grande crise de quando se chega no platô da vida: a identificação com a persona, quando se quer viver algo que não se é mais. Querer voltar a uma juventude que não é pode levar à cisão do ego com o Self. E pode ser a causa de uma neurose e até chegar à psicose. A neurose é um sintoma de alguém que parou em algum ponto e precisaria continuar. Explicita bem o papel que desempenha as mídias sociais, como a parada no platô da vida, negando-se a continuar.

> Todos os distúrbios neuróticos, bastante frequentes, da idade adulta tem em comum o fato de quererem prolongar a psicologia da fase juvenil para além do limiar da chamada idade do siso. Quem não conhece aqueles comovedores velhinhos que necessitam sempre de reesquentar o prato de seus saudosos tempos de estudante, e só conseguem reavivar um pouco a chama da vida, recordando-se de seus tempos heroicos que petrificaram num filisteísmo desesperante. Mas quase todos gozam de uma vantagem inestimável: não são neuróticos, mas em geral apenas pessoas tediosas e estereotipadas. (JUNG, 2013, p.776).

Mas, é justamente esse processo doloroso que pode levar o indivíduo para uma solução, para o processo de individuação. É no momento que não se tem respostas que se encontra a solução, como a frase que Eduardo Galeano encontrou num muro de Quito, “quando tinha todas as respostas, mudaram as perguntas”. É nesse momento, quando não temos respostas que os mitos podem nos trazer uma revelação. E é na figura do poderoso arquétipo do Velho Sábio que

é possível encontrar a reconexão.

Jung (2013, p.57) denominou de imagens primordiais ou arquétipos “aqueles fatores hereditários universais, pertencentes ao substrato fundamental da psique inconsciente e não podem ser explicados como aquisições pessoais”. São encontrados nos sonhos, nos mitos e contos de fadas e representam situações da vida humana.

No processo do confronto com a sombra, a tarefa seria tornar-se um ser humano melhor, deixar fluir a energia. A sabedoria seria nada mais do que o viver com autenticidade, a questão é como chegar a esse momento. Uma das possibilidades seria, justamente, o entendimento de que um novo ciclo se abre. Os próprios sinais de envelhecimento podem levar a esta possibilidade. Deixar o poder curativo do inconsciente agir, buscar as imagens com as quais seriam necessário se defrontar, até mesmo buscar as escolhas que não foram feitas. E é justamente no encontro com o arquétipo do Velho Sábio que é possível encontrar um caminho.

O Tarô representa a figura do arquétipo Velho Sábio na figura do Eremita, símbolo de força, de vida, de sabedoria, um arquétipo que opera além do controle individual. O encontro com a possibilidade de iluminação pessoal e resistência às aberrações do espírito humano que assaltam o homem na solidão. Ao contrário do jovem Louco, seu passo é mais comedido e traz um lâmpada como símbolo que convida à interiorização. Nos mitos e contos de fada, o jovem é que vai em busca do tesouro, mas é o Velho Sábio que lhe indica o caminho. O Eremita tem dentro de si o que a sociedade perdeu, ou ignorou. A civilização moderna impele a procurar o Velho Sábio, pois pertence à natureza instintual. Cada pessoa precisa encontrar o seu próprio caminho para chegar ao arquétipo. O cuidado que se deve ter, entretanto, é da identificação, com qualquer arquétipo, em qualquer idade, que pode ter consequências de inflação, ao lugar da iluminação desejada. Da mesma forma, se não for dada a devida atenção à sua mensagem pode ocorrer de algum fator forçar a fazê-lo. Por exemplo, a resistência à introversão pode resultar numa situação de doenças, em que se encontra a tão temida solidão. O movimento da figura do Eremita parece dizer que a vida é uma caminhada e não uma chegada. Nicholls tão bem descreve a figura do Eremita do Tarô:

> Na terminologia junguiana, o Eremita representa o Velho sábio arquetípico. Como Lao-tzu, cujo nome significa “velho”, o frade aqui retratado personifica uma sabedoria que não se encontra em livros. O seu dom é tão elementar e perene quanto o fogo de sua lâmpada. Homem de poucas palavras, vive no silêncio da solidão – o silêncio de antes da criação – somente a partir do qual uma nova palavra pode tomar forma. (Nicholls,1987, p.169).

Sem dúvida, nas mídias sociais também estão refletidas mensagens sobre a velhice como uma viagem ao interior do ser: “maturidade é trocar intensidade por constância, aparência por essência, corpo por alma, ansiedade por calma, rancor por amor, exigência por doação e saber que o seu silêncio pode ser sua resposta”[1], o que comprova que o caminho do resgate da negação do envelhecimento é possível.

A transformação, esse é o caminho que está dado, o caminho que aponta a mitologia e o segredo seria justamente esse tempo livre na segunda metade da vida, sem as tarefas do cotidiano que poderia levar a um salto qualitativo e descobrir a sapiência ao redor. Uma das saídas possíveis, que daria cor e calor à segunda metade da vida, leva à conexão com o Velho Sábio, que vem a ser a expressão do Self. É o necessário diálogo com a essência, a expressão de tudo ao redor, o que vem a representar também o envolvimento com as tarefas da comunidade, como ensinam as tribos indígenas.

[1] PENSADOR. Professor Galvão: Maturidade é trocar de intensidade... Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MjAzMDU3MQ/ >

> Nas tribos primitivas observamos, por exemplo, que os anciãos quase sempre são os guardiões dos mistérios e das leis, e é através destas, sobretudo, que exprime a herança cultural da tribo. E como se passam as coisas entre nós, sob esse aspecto? Onde está a sabedoria de nossos anciãos? Onde estão os seus segredos e as suas visões? Quase sempre a maioria de nossos anciãos quer competir com os jovens. Na América do Norte o Ideal é, praticamente, que o pai seja como o irmão de seus filhos e a mãe, se possível, a irmã de suas filhas”. (JUNG, 2013, p.356).

Justamente aquela figura do arquétipo do Velho Sábio, o conselheiro das tribos primitivas, é o referencial perdido quando se estaciona numa juventude que já não é mais. Um fenômeno agravado por uma sociedade de consumo, que diz

que só tem valor quem produz. A perda dessa possibilidade é o que faz os conhecimentos ficarem ultrapassados e não se conseguir mais ser referencial para as novas gerações. Há uma superação também no trabalho, quando se depara com a obsolescência do trabalhador de mais idade, aquele momento em que a experiência não vale mais, em que as condicionantes são outras e a mudança é a palavra-chave: aprender a se adaptar e mudar.

Essa reconexão, a integração dos mundos internos e do mundo externo, é o trabalho do terapeuta. Justamente quando se está no platô, justamente quando se está em plena crise é que se tem a possibilidade de eclosão das crises e neuroses. Mas, é também o momento da possibilidade da ocorrência do processo de individuação. Então, constata-se ocorrência da função transcendente, a "união de conteúdos conscientes e inconscientes". (Jung, 2013, p.13).

Assim, enquanto o ego estaria em busca de sua satisfação imediata, numa imagem idealizada da juventude, o inconsciente estaria em busca da realização da totalidade, o que inclui os aspectos sombrios. Devido ao caráter complementar entre o consciente e inconsciente, esse conflito gera tensão a fim de promover energia e movimento.

Na verdade, ideias radicalmente oposta não são excludentes, mas complementares. Assim, é possível, na trajetória humana essa conciliação e o encontro com o Velho Sábio. Esse encontro ocorrerá quando for possível o mergulho no fundo de si mesmo e surgir o entendimento de que o que está sendo negado é os componentes básicos do desenvolvimento.

É, sem dúvida, fundamental para esta etapa do processo, o papel que a Persona tem a desempenhar quando se tem que desvencilhar de todo um arcabouço que chama para continuar na juventude, quando o ego passa a se identificar com um falso papel. Passar a acreditar nessa "máscara" ilusória pode dificultar o processo de transformação. De acordo com a psicologia junguiana, é comum derrubar essa identificação para aprender quem se é de verdade no processo de individuação.

Dessa forma, é possível integrar o valor vida à personalidade da pessoa idosa, fazendo-o descobrir em si o arquétipo do Velho Sábio. E fazer prosseguir numa caminhada que é o objetivo central da vida, a tarefa da Metanóia. A busca do autoconhecimento, gerando um equilíbrio dos contrários, com a possibilidade de se tornar uma totalidade.

CONCLUSÃO

O envelhecimento é um processo que está crivado de concepções falsas, de temores e crenças. A palavra velhice, etapa da vida, é carregada de inquietude, de fragilidade e, às vezes, de angústia.

A cultura dominante em uma sociedade de consumo leva à criação de eufemismos, disseminados nas mídias sociais, no sentido de fazer crer numa eterna juventude. O envelhecimento, entretanto, é biológico, um processo universal, que ocorre com todos os seres vivos pois é parte do ciclo da vida. O termo terceira idade, por exemplo, refere-se à época da aposentadoria, enfatizando uma época improdutiva. É possível encontrar outros eufemismos, como melhor idade, que mascaram deliberadamente o envelhecimento. A discussão que está colocada hoje, inclusive entre os técnicos da gerontologia social, é o de assumir o termo velho mesmo, até em substituição ao termo idoso, como forma de resgate da identidade perdida.

O exercício da cidadania é algo prático, diário e temos que convir que, para o velho brasileiro, isso nem sempre é fácil devido aos preconceitos e mitos relativos à velhice. A sociedade brasileira já se mostra insatisfeita, o que pode ser constatado, em momentos especiais, através de manifestações populares, passeatas, carreatas apresentando ao mundo o envelhecimento da população. Ocorre, em algumas situações, os próprios velhos reagirem ao estigma de improdutivos, inativos, assexuados, e, através de associação de idosos, grupos de convivência, clubes da terceira idade, associação de aposentados, universidades da terceira idade, voltarem a ocupar um lugar no contexto social, resgatando o seu papel de pessoas sadias e mais experientes. Entretanto, este fato não ocorre com todos, a velhice não é homogênea e é possível também encontrar exemplos não tão positivos.

Diante da visão, no mundo contemporâneo, do processo de envelhecimento como algo degradado, gasto e inútil, constata-se, no presente trabalho, que deveria ser utilizado o valor vida no lugar do valor jovem. Então é possível dizer que a ideia é a busca da vitalidade em todo o ciclo da vida. Ter vitalidade independe de idade, posto que é uma energia, um processo energético. Juventude restringe-se a uma fase da vida que já ficou para trás, ao passo que vitalidade pode estar presente em

todo o processo de vida. Pode ser comparado com *Kronos* e *Kairós*, que representam aspectos diferenciados do tempo, sendo Kronos o tempo cronológico e Kairós o momento certo, oportuno, o aspecto qualitativo do tempo.

Diante do que foi aqui discutido, é possível afirmar que, nascimento e morte são parte de um todo indivisível. No entanto, a sociedade ocidental, em especial a partir da Revolução Industrial, que transformou o padrão cultural e familiar e reduziu o valor tradicional destinado ao velho, enfatiza o culto à juventude, o que cria uma cisão na personalidade de quem envelhece. Com as tarefas na segunda etapa da vida, muitas vezes, é difícil aceitar o envelhecimento e o desejo mais comum, que as mídias sociais incentivam e sugerem, é o que Jung (1980, p.67) chama de “voltar o relógio para trás”.

Na primeira metade da vida, é claro o que fazer: se apresentar ao mundo, construir a vida, dar contornos à persona. Segundo Jung (2013, p.174), “o fluxo de conteúdos inconscientes vitaliza e enriquece a personalidade, e cria uma figura que ultrapassa de algum modo o eu em extensão e em intensidade”. É o que justificava a segunda metade da vida, a importância da segunda fase da vida, para a totalidade, enquanto ser. É fundamental, neste momento, revisar conceitos estabelecidos e contrários à vida e à dignidade humana, tarefas impostas nesta fase denominada Metanóia.

Diante da constatação de que o mundo está configurado para a juventude, voltado para uma compreensão daquilo que se pode realizar, então, educar para a longevidade é fundamental. Essa preocupação também foi levantada por Jung (2013, p.365) quando diz que “o jovem é preparado durante vinte anos ou mais para a plena expansão de sua existência individual. Porque não deve ser preparado também, durante vinte anos ou mais, para o seu fim?”. A segunda metade da vida traz novos problemas, e não são mesmo de fácil solução e muito facilitaria uma preparação para esta etapa. A educação permanente, uma pedagogia para idosos, é uma oportunidade para pessoas idosas reinventarem suas vidas. Com as perdas significativas da velhice, as pessoas idosas sentem-se desvalorizada, com sentimentos de nulidade, o que leva à marginalização social. E é justamente neste momento que e a pedagogia poderá dar um suporte, como a pedagogia de Paulo Freire.

Depois de percorrer toda uma vida na busca da consolidação de um sentido,

quando se atinge o cume da montanha, então é empreendido um processo de descida, totalmente novo, em que as respostas tão cuidadosamente solidificadas já não servem mais. Neste momento pode ocorrer a desorientação e desestruturação, ansiando pelo tempo em que já havia sido encontradas as respostas.

É possível encontrar uma série de orientações para a pessoa idosa para transformar a sua vida e fazê-la mais ativa: dieta adequada, manter a mente em funcionamento e buscar sentidos nas diversas coisas que pode realizar. O problema surge quando não se tem mais lugar na sociedade. E por conta desse lugar que não se tem mais, há a tendência de se proteger, de não querer entrar no estágio final. É quando se tenta estender o *status* de jovem um pouco mais de tempo que ocorrem distúrbios e as grandes viradas na vida, partindo-se para experiências salvadoras, que nunca antes foram feitas. Para abraçar o novo tempo, muitas vezes torna-se necessário mesmo as experimentações. A segunda fase também tem um sentido e não é igual à primeira, mas nem por isso menos importante ou com menor significado.

O sentido da vida nesta fase, segundo a psicologia junguiana, seria conseguido através de um mergulho no interior, quando pode ocorrer o encontro com a religiosidade, ou pode aflorar o trabalho em prol da comunidade. É preciso ter consciência do limite de nossa capacidade e da amplitude das oportunidades que vão surgindo para ser possível dar um salto de qualidade. Quando se consegue aproveitá-las e vivê-las é algo imensamente gratificante, prazeroso, que contribui com o crescimento pessoal e equilíbrio emocional.

No entanto, parece cada vez mais difícil aceitar o caminho solitário para a autocompreensão. A arte da individuação, de tornar-se o único eu, é uma experiência pessoal e, por vezes, uma experiência solitária. Não é um fenômeno de grupo. Para descobrir quem somos é preciso recolher as partes interiores que são projetadas nos outros de forma inconsciente. Momento em que é possível aprender a encontrar, no fundo da psique, os potenciais e deficiências que anteriormente só se enxergava nos outros.

Em nossa época tem elementos que nos incitam à preparação do encontro interior. Nos dias de hoje, cada vez maior numero de pessoas estão procurando conscientemente a luz escondida no íntimo, optando por oportunidades de introversão, ao invés daqueles gatilhos que a cultura tanto encoraja e dissemina. A necessidade predominante do homem é sentir apaixonadamente alguma coisa,

encontrar o significado e propósito como parte de um desígnio grandioso, que transcende as meras preocupações do ego, dedicar a vida e as energias a serviço de uma autoridade mais alta.

Sendo assim, a tarefa necessária, na segunda metade da vida, na busca da vitalidade, seria entrar em conexão com o arquétipo do Velho Sábio, seja através de reciclagens ou de reaprendizado, efetivando o encontro com a sombra, para atingir a integração do consciente com o inconsciente, dando significado à segunda metade da vida. A realização da função transcendente, que nasce da união dos opostos, surge na resolução de conflitos e possibilita criar uma atitude, um símbolo unificador, relacionado com o processo de individuação.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.

FRANZ, Marie-Louise von. *Mistérios do Tempo: Mitos, Deuses, Mistérios*. Espanha: Gráfica Almudena, 1997.

HILMAN, James**.** *Cidade e Alma*. São Paulo: Estudio Nobel, 1992.

JUNG, Carl. G. *A Energia Psíquica* – Volume 8/1. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *A Natureza da Psique* - Volume 8/2. 10ª ed. - Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Aion* – Volume 9/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *Aspectos do Drama Contemporâneo* – Volume 10/2. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Aspectos Fundamentos da Psicologia Analítica* – Volume 18/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2011. – Conferências de Tavistock proferidas em 1935 em Londres.

_____. *Memórias, Sonhos e Reflexões* – 30ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. *O Eu e o Inconsciente* – Volume 7/2. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Psicologia do Inconsciente* - Volume 7/1. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

NICHOLLS, Sallie. *Jung e o Tarô – Uma Jornada arquetípica*. São Paulo. Cultrix, 1997.

SCHONS, Regina e SACCOMORI, Lucia. *Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre gerontologia social.* Passo Fundo. UPF EDITORA, 2000.

Sites:

ALVES, Rubens. *Fiquei Velho*. Disponível em <https://rubenalvesdois.wordpress.com/2009/07/25/fiquei-velho/>. Acesso em 02 mar. 2018.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, IBGE, 2010. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao>. Acesso em 02 mar. 2018.

PENSADOR. Professor Galvão: Maturidade é trocar de intensidade... Disponível em < https://www.pensador.com/frase/MjAzMDU3MQ/ >. Acesso em 30 mar. 2019.

PONCIANO, Maria José. *A Obsolescência do Conhecimento está Levando a um Envelhecimento Precoce da População* – Artigo Disponível em <http://vivendo.org.br/artigos/obsolescencia.pdf>. Acesso em 30 mar. 2019.

VENTURA, Zuenir. *Um idoso na fila do Detran* – Crônica disponível em <http://contobrasileiro.com.br/um-idoso-na-fila-do-detran-cronica-de-zuenir-ventura/> Acesso em 02 mar. 2018.

OMS muda classificação de idade para jovens e idosos #boato. Disponível em <*https://www.boatos.org/brasil/oms-reclassifica-jovem-idoso.html*>. Acesso em 30 mar. 2019.

Vídeos:

BERZINELLI, João. *Da Metanoia ao Envelhecimento e Morte.* Produção Congresso Jung na Prática. São Paulo. 2018.

GUARNIERI, Cristina, M. *Envelhecimento na Era do Anti-Envelhecer .* Produção IJEP II Congresso. São Paulo. 2017.